

Marília de Dirceu & Cartas chilenas







# TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA

## Marília de Dirceu & Cartas chilenas

### TRECHOS SELECIONADOS

Apresentação, seleção,  
organização e comentários de

**Duda Machado**

**gerente editorial** Claudia Morales  
**editor** Fabricio Waltrick  
**editor assistente** Emílio Satoshi Hamaya  
**diagramadora** Thatiana Kalas  
**coordenadora de revisão** Ivany Picasso Batista  
**revisão** Cláudia Cantarin  
**redação** Fabio Cesar Alves  
**colaboração** Fabiane Zorn  
**projeto gráfico** Fabricio Waltrick e Luiz Henrique Dominguez  
**coordenadora de arte** Soraia Scarpa  
**editoração eletrônica** Luiz Henrique Dominguez  
**pesquisa iconográfica** Evelyn Torrecilla e Carlos Luvizari

**imagem da capa** 730 Ave Marias (díptico), 2008, obra de Stephan Doitschinoff

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS - RJ

G65m  
10.ed.

Gonzaga, Tomás Antônio, 1744-1810  
Marília de Dirceu & Cartas chilenas / Tomás Antônio Gonzaga ;  
organização Duda Machado. - 10.ed. - São Paulo : Ática, 2012.  
184p. -(Bom Livro)

Inclui apêndice  
ISBN 978 85 08 14592-8

1. Poesia brasileira. I. Machado, Duda. II. Título. III. Título:  
Cartas chilenas. IV. Série.

11-6881.

CDD: 869.91  
CDU: 821.134.3(81)-1

ISBN 978 85 08 14592-8 (aluno)  
ISBN 978 85 08 12696-5 (professor)  
Código da obra CL 737827

2012  
10ª edição  
1ª impressão  
Impressão e acabamento

Todos os direitos reservados pela Editora Ática | 1997  
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 | Cep 02909-900 | São Paulo | SP  
Atendimento ao cliente: 4003-3061 | atendimento@atica.com.br  
www.atica.com.br | www.atica.com.br/educacional

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



# Sumário

De Dirceu a Critilo: a poesia de Tomás Antônio Gonzaga 7

## **Marília de Dirceu 31**

Nota sobre o texto 33

Primeira parte 35

    Comentário crítico 53

    Comentário crítico 87

Segunda parte 93

    Comentário crítico 99

    Comentário crítico 103

## **Cartas chilenas 141**

Prólogo 143

Cartas chilenas 145

    Comentário crítico 150

    Comentário crítico 155

Documentos de época 175

Indicações de leitura 177

Resumo biográfico 179

Obras do autor 181

Obra da capa 183



# DE DIRCEU A CRITILO: A POESIA DE TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA

Duda Machado

Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutor pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

## Um destino partido ao meio

Em 1788, Tomás Antônio Gonzaga estava com 44 anos. Seu futuro parecia claramente delineado; seria feito de tranquilidade, prestígio social, amorosa harmonia doméstica, estudo de processos judiciais e iluminado pelo culto da poesia. Tudo estaria de acordo com seu amado ideal da *aurea mediocritas* (a vida mediana, modesta, mas dourada pelo entendimento). Sua carreira de magistrado acabava de atingir um ponto alto; agora, em recente nomeação, ele conquistara o importante posto de desembargador da Relação na cidade de Salvador, capital do Brasil. Em breve — depois de vencidas as restrições da rica família da noiva —, iria casar-se com uma jovem de 20 anos, a “Marília bela”, Maria Doroteia Joaquina de Seixas, na vida real ou civil, por quem se apaixonara quando ela ainda era uma adolescente de 17 anos. Para realizar o casamento, já havia solicitado à rainha, dona Maria I, uma licença de seu cargo.

E então veio a mudança brutal em seu destino. A 15 de março de 1789, o coronel Joaquim Silvério dos Reis denunciava ao visconde de Barbacena, governador de Vila Rica, um grupo de conspiradores que preparava um plano de sublevação armada contra o governo português. A 21 de maio, era decretada a prisão de Tomás Antônio Gonzaga, acusado de participar, ao lado de seus amigos, os poetas Cláudio Manuel da Costa e Alvarenga Peixoto, e do alferes Joaquim José da Silva Xavier, da Inconfidência Mineira. Com esse golpe, Gonzaga perdia tudo: a carreira,

Na página oposta, o poeta Tomás Antônio Gonzaga no quadro *Gonzaga na prisão*, de J. M. Mafra, incluído na edição de 1857 de *Marília de Dirceu*, dos Irmãos Laemmert.

o prestígio e a mulher amada. O caráter dramático, fulminante da desgraça em que caiu o poeta, acabou dando origem a uma lenda sobre seus últimos anos no degredo, em Moçambique. Segundo essa lenda, com toques de dramalhão, Gonzaga, arrasado pela desgraça e pelas saudades de Marília, terminara seus dias enlouquecido. Mas a lenda foi dissipada, e os fatos de sua vida em Moçambique foram restabelecidos.<sup>1</sup>

## Entre Portugal e o Brasil

Tomás Antônio Gonzaga nasceu na cidade do Porto a 11 de agosto de 1744, filho do brasileiro João Bernardo Gonzaga e da portuguesa Tomásia Isabel Clarque. Seu pai, nascido no Rio de Janeiro, seguiu a carreira jurídica; sua mãe, descendente de família de origem inglesa, morreu cerca de dez meses após o nascimento de Tomás. Por esse motivo, o menino foi criado na cidade do Porto por suas tias maternas. Em 1751, o doutor João Bernardo Gonzaga foi designado para o cargo de ouvidor-geral de Pernambuco; por volta de março de 1752, desembarcava no Recife, trazendo consigo o filho Tomás, então com 7 anos de idade. Sabe-se que, pouco depois, Tomás foi enviado para Salvador, indo estudar no Colégio da Companhia de Jesus, ficando entregue também aos cuidados do sargento José Clarque Lobo, um sobrinho de seu pai. Tomás permaneceu sob a orientação dos jesuítas até 1759, quando o colégio foi fechado por ordem do governo e os jesuítas foram expulsos do Brasil. Essas medidas drásticas enquadravam-se no programa de reforma modernizadora empreendida em Portugal, com mão de ferro, pelo marquês de Pombal, o todo-poderoso ministro de dom José I.

Dois anos depois do fechamento do colégio, cercado espetacularmente por tropas militares, Tomás seguia viagem

---

1 A pesquisa para a reconstrução da vida de Gonzaga em Moçambique foi conduzida principalmente por Rodrigues Lapa. Veja-se LAPA, M. Rodrigues. Prefácio, introdução, notas. In: *Tomás Antônio Gonzaga – Obra completa*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957. (N.O.)





rumo a Portugal; ia estudar direito na Universidade de Coimbra. O jovem de 17 anos tornou-se logo um entusiasta do programa de reformas e do “despotismo esclarecido” do marquês de Pombal. Vale lembrar que o pai de Tomás, um alto funcionário do Estado, era não só adepto do marquês, como também pertencia a seu círculo de amigos ou de homens de confiança. E era por desfrutar da confiança de Pombal que o doutor João Bernardo voltara à Corte em 1764. Foi nesse ambiente que Tomás, então pensando em tornar-se professor de direito, preparou uma tese sobre Direito Natural, uma espécie de louvor e defesa do “despotismo esclarecido”. Com a queda de Pombal e a ascensão de dona Maria I ao trono, o jovem poeta, em pleno ardor cívico, irá homenagear a nova soberana, dedicando-lhe um poema intitulado “Congratulação com o povo português na feliz aclamação da muito alta e muito poderosa soberana d. Maria I, Nossa Senhora”. Ainda em Coimbra, tornou-se amigo do brasileiro Inácio José de Alvarenga Peixoto, com quem compartilhava a admiração pela poesia do arcadismo e, ao que parece, por alguma boemia.

Litogravura do antigo Colégio dos Jesuítas da Bahia, em Salvador, feita a partir de fotografia de Victor Frond na década de 1850.



Na juventude, Tomás Antônio Gonzaga nutriu grande admiração pelo marquês de Pombal (1699-1792), mentor de reformas políticas e econômicas que desgostaram grande parte da nobreza e do clero de Portugal. O quadro que representa o marquês é de 1767.

Concluída a universidade em 1768, Gonzaga seguiu para seu primeiro posto na magistratura, na condição de juiz de fora da cidadezinha de Beja. Consta que, nessa época, frequentava o círculo do visconde de Barbacena, seu futuro condenador. Um soneto de Gonzaga, datado de 1780, que começa com os versos “Nascer no berço da maior grandeza”, celebrava o nascimento do filho mais velho de Barbacena. Em fins de 1782, Gonzaga estava de volta ao Brasil: fora nomeado para um cargo de muito prestígio, ouvidor-geral da comarca de Vila Rica. Não se pode esquecer que, na época, apesar da queda da atividade da mineração, Minas era a região mais rica e populosa do Brasil, e Vila Rica — hoje Ouro Preto — era sua capital.

Bem recebido pelo governador de Minas, dom José Rodrigo Meneses, o ouvidor-geral reencontrava seu companheiro de Coimbra, o primo e irmão em letras Alvarenga Peixoto. Foi ligar-se sobretudo ao poeta Cláudio Manuel da Costa, mais velho, que tinha uma obra já definida e era

especialista em questões de artesanato poético. Um convívio valioso, do qual Tomás extrairia lições para sua poesia, ainda que adotando uma linha poética bem distinta.

## Vila Rica: poesia e drama

Gonzaga iria usufruir ainda o contato frequente com um círculo de homens cultos no qual figuravam, além de Cláudio Manuel da Costa e Alvarenga Peixoto, outro primo, Joaquim Antônio Gonzaga; o naturalista Joaquim Veloso de Miranda; o padre Luís da Silva; os intendentess Francisco Pinto Bandeira e Luís Beltrão de Gouveia; os doutores Diogo de Vasconcelos e Tomás Belo. Nem todos residiam em Vila Rica, já que alguns exerciam funções oficiais em cidades vizinhas, como era o caso de Alvarenga Peixoto, morador de São João d’el-Rei. Nem por isso as reuniões — as tertúlias — deixavam de ser frequentes; na maior parte das vezes, realizavam-se nos salões da casa de Cláudio Manuel da Costa, mas de vez em quando se davam na varanda da casa de Gonzaga. Formava-se assim a seu redor um ambiente “ilustrado”, no sentido que lhe dava a época — de culto à razão e ao razoável. Nesse ambiente de estímulos positivos, Gonzaga iria enriquecer-se como poeta. Mas o melhor estava por vir. E veio quando conheceu a adolescente Marília. Foi o encontro que renovou sua vida. O crítico Antonio Candido resumiu bem o impacto e o significado da nova situação, que foi tão rica para o homem e o poeta Tomás Antônio Gonzaga:

Não há como escapar ao fato de que, apenas em Vila Rica, a poesia avultou na sua vida. No Brasil, o homem de estudo, de ambição e de sala, que provavelmente era, encontrou condições inteiramente novas. Ficou talvez mais disponível, e o amor por Doroteia de Seixas o iniciou em ordem nova de sentimentos; o clássico florescimento da primavera no outono.<sup>2</sup>

---

2 CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975, p. 117-8, v. 1. (N.O.)

Vila Rica foi o palco e o enredo de seu drama, do dilaceramento de sua existência; deu-lhe uma paixão, uma promessa de amor — não mais que isso — e estimulou-o a encontrar todo seu talento poético, para lançá-lo depois no meio de uma tormenta política que lhe custou muito caro. A capitania era o centro de negociações do ouro e diamante extraídos nas riquíssimas redondezas. Mas o ouro não era nosso, a política da Coroa portuguesa seguia uma única receita: tratar a colônia como a “vaca americana” — na famosa expressão de dom João IV — da qual era preciso arrancar a todo o custo o leite, o couro e os ossos. Como consequência de tanta exploração e espoliação, os minérios começavam a esgotar-se. Além do mais, era impossível fazer face aos impostos excessivos garroteados pelo insaciável fisco português. A maior parte dos contribuintes de Vila Rica — ricos e médios — devia fortunas à Coroa. Somavam-se a esse abuso o alto preço da mão de

Vista de Vila Rica em quadro de 1820 de Arnaud Julien Pallière. Lá, Tomás Antônio Gonzaga viveu momentos intensos e importantes, tanto na vida pessoal como na profissional.



obra escrava e dos instrumentos de mineração e, ainda, os altos donativos exigidos pelo clero.

O ambiente da capitania era extremamente tenso. Configurava-se um estado de coisas que não podia continuar, sob pena de gerar um conflito aberto com as autoridades portuguesas. A 10 de outubro de 1783, o capitão-general Luís da Cunha Meneses assumia o governo. Seu autoritarismo e inúmeros desmandos iriam agravar a situação. O governador desrespeitava sistematicamente as decisões da Justiça sobre concessões de negócios e questões administrativas, decretava medidas ilegais, vendia cargos, títulos, etc. Para sustentar-se no poder, valeu-se de um grupo de arrivistas e privilegiados. Militarizou o governo, aumentando exageradamente a tropa, e usou a força militar para a cobrança da taxa dos dízimos.

Gonzaga, em seu cargo de ouvidor, via com frequência suas decisões desrespeitadas. Reagiu com firmeza e opôs-se ao governador, contestando seus atos e protestando junto às autoridades superiores. Por fim, enviou uma carta à rainha em que relatava o “notório despotismo” de Cunha Meneses. Mas não foi só. Uniu seu talento à indignação e escreveu um poema satírico, as *Cartas chilenas*. Cauteloso, sem correr riscos desnecessários, fez que o poema circulasse clandestinamente. Atribuiu o poema a um autor chileno, também escondido sob o pseudônimo Critilo. Pode-se imaginar o escândalo provocado pelas *Cartas*, que, tudo indica, começaram a ser divulgadas depois da notícia de substituição de Cunha Meneses — o “Fanfarrão Minésio” do poema —, mas com este ainda no poder. Por mais de um século, como veremos, a autoria das *Cartas chilenas* constituiu questão polêmica.

Em retaliação, Gonzaga viu-se acusado de tirar proveito financeiro de suas sentenças judiciais. Enquanto corria essa guerra, o poeta alcançava uma vitória em outra frente. Depois de alguma resistência, devida à diferença de idade, de fortuna e de opiniões, o pai de Marília, o doutor Bernardo da Silva Ferrão, consentia no casamento. Isso ocorreu em meados de 1787. Um ano antes, Gonzaga fora promovido a desembargador da Relação na Bahia. Mas retardava sua transferência; não queria afastar-se da noiva e musa.

Aguardava ainda a chegada do visconde de Barbacena, o novo governador, seu amigo.

No entanto, Barbacena trazia suas ordens; estava encarregado de fazer cumprir o que todos temiam: a decretação da derrama, a cobrança integral de todos os impostos atrasados. A tirania chegara a seu limite. Propagou-se, num pequeno grupo, a ideia de um levante armado com o apoio da população. Minas seria independente e republicana, tal como os Estados Unidos da América. Gonzaga não participava da sublevação, evitava comprometer-se, mas via com simpatia a causa, as ideias, o movimento a que tinham aderido seus amigos mais íntimos, Cláudio Manuel e Alvarenga Peixoto. Suas cautelas revelaram-se inúteis em ambiente tão pequeno. Além disso, a organização dos inconfindentes era frágil demais. O coronel Joaquim Silvério dos Reis, inimigo de Gonzaga, infiltrara-se entre os rebeldes para denunciá-los ao governador Barbacena. Silvério, que fora ridicularizado nas *Cartas chilenas*, vingou-se com a calúnia: atribuiu a Gonzaga a liderança do levante. A 21 de maio, o ouvidor-geral e poeta Tomás Antônio Gonzaga era preso. Antes das prisões, Barbacena mandara suspender a derrama.

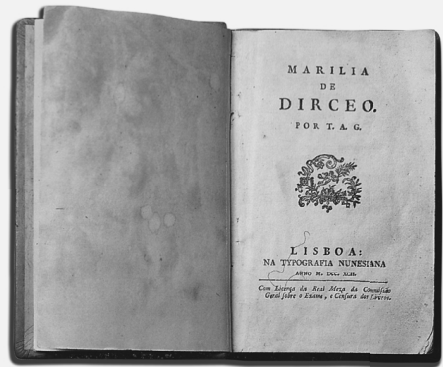
## Da triste masmorra ao degredo

Prisioneiro, Gonzaga foi enviado para a fortaleza da ilha das Cobras, no Rio de Janeiro. Durante os interrogatórios, insistiu em sua inocência. Continuou a escrever, fazendo de sua dura experiência os novos temas de sua poesia. Em outubro de 1791, era transferido para outra prisão, uma cela na Ordem Terceira de Santo Antônio. Ignorava que Cláudio se suicidara na cadeia. Mas ainda podia contar com seu círculo de amigos. Graças a estes, a primeira parte das liras de *Marília de Dirceu* foi publicada em Lisboa em 1792. No mesmo ano, recebeu sua sentença: dez anos de degredo em Moçambique. Sua pena anterior, mais severa — degredo perpétuo em Angola —, fora comutada. Em Moçambique, aonde chegou em meados de 1792, foi bem recebido. Como informa Rodrigues Lapa:

Os talentos superiores de Gonzaga, a própria auréola de perseguido político e republicano, num meio já trabalhado pelas ideias da Revolução Francesa, operaram logo sobre as altas esferas moçambicanas. Todos lhe auguravam uma sorte feliz como negociante, ao uso da terra.<sup>3</sup>

Depois de tanta desgraça e perda, Gonzaga agarrou-se às oportunidades que lhe apareceram em Moçambique. Não se pode esquecer também que o autor da *Carta sobre a usura*, escrita em Vila Rica em 1783, estava completamente endividado. Graças a seus conhecimentos jurídicos, tornou-se imprescindível ao ouvidor de Moçambique. Cuidou de um comércio de bebidas e passou a ganhar dinheiro como advogado. Em 1793, um ano depois de ter chegado a Moçambique, casava-se com Juliana de Sousa Mascarenhas, filha única, analfabeta e herdeira de uma grande fortuna, adquirida com o tráfico de escravos. Em 1806, voltou a ter um cargo oficial, procurador da Coroa e da Fazenda; em 1809, alcançou o posto de juiz da Alfândega. Não se descobriu nenhum poema escrito no período de Moçambique, mas há alusões a um poema sobre o naufrágio do *Marilva* em 1802. Tomás Antônio Gonzaga morreu em 1810, deixando uma filha, Ana Mascarenhas Gonzaga. Já era um nome famoso, pois desde 1792 as edições de *Marília de Dirceu* alcançavam enorme sucesso e faziam crescer a lenda de mártir revolucionário e amante feliz formada em torno de sua vida. Para aproveitar a onda desse sucesso, editava-se em 1810 uma falsa terceira parte do livro. Mas, em 1812, surgia a primeira edição autêntica da terceira parte. Em 1825, chegava a vez de uma edição francesa; em 1844, de uma edição italiana. Foi com base na edição francesa que o poeta russo Aleksandr Púshkin traduziu uma das líras de Gonzaga.

Frontispício da primeira edição de *Marília de Dirceu*, publicada em 1792, em Lisboa.



3 LAPA, M. Rodrigues, op. cit. Vide nota 1, p. XXIX. (N.O.)

## Lira: inovação dentro da tradição

Toda a obra lírica de Tomás Antônio Gonzaga — as liras, segundo sua denominação — está reunida sob o título *Marília de Dirceu*, composta de três partes. Em relação à obra de Gonzaga, um de seus melhores críticos, Rodrigues Lapa, ao comentar a presença de temas clássicos e da linguagem do classicismo em sua poesia, fez uma observação fundamental:

Contudo não é a persistência de elementos tradicionais da poesia, mais ou menos pessoalmente elaborados, que nos dá definitivamente o seu estilo. Este consiste sobretudo nas novidades sentimentais e concepcionais que trouxe para uma literatura, derrancada no esforço de remoer sem cessar a antiguidade.<sup>4</sup>

Na medida em que pudermos compreender em que consiste essa novidade de sentimentos e concepções e de que modo ela está presente como elemento de linguagem do poema, seremos capazes de apreciar o verdadeiro valor e importância de sua poesia.

Quando, ainda em Coimbra, Gonzaga começou a escrever, o arcadismo dominava a cena literária, impulsionava vocações, formava o gosto e, por fim, era também moda. Em 1756, os poetas Correia Garção e Antônio Dinis fundavam a Arcádia Lusitana, uma espécie de marco oficial da nova estética; em 1790, surgia a Nova Arcádia, instituída por Filinto Elísio. Ainda em Coimbra, Gonzaga certamente lera com admiração os poemas do italiano Pietro Metastasio (1698-1782), o importante poeta árcade. A Itália foi a terra natal do arcadismo, e, logo, seu culto da harmonia da vida pastoril, do equilíbrio de expressão, do verso medido em padrão clássico, chegava a Portugal. A Arcádia Lusitana era uma pequena cópia da famosa Arcádia Romana (1690), que fora sustentada pelo apoio “ilustrado” da rainha Cristina da Suécia. Seu símbolo máximo era a Arcádia,

---

4 LAPA, M. Rodrigues. Prefácio, notas. In: GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu e mais poesias*. 3. ed. Lisboa: Sá de Costa, 1961, p. XXVII-XXVIII. (N.O.)



a região montanhosa do Peloponeso, na Grécia, celebrada nos poemas pastorais da Antiguidade como uma espécie de paraíso da vida rústica e da poesia. Esse mito poético foi revivido com tal força que os membros da Arcádia Romana chegavam a reunir-se para suas conversas ou leituras de poemas — as tertúlias — no bosque Parrásio, perto de Roma. Adotavam também — pois a época tinha seu figurino — pseudônimos ou máscaras poéticas com o toque da Antiguidade. Assim, Tomás Antônio Gonzaga viria a ser o pastor Dirceu, tal como antes Cláudio Manuel da Costa convertera-se em Glauceste Satúrnio.

## **Arcadismo, luzes e estilo rococó**

Para entender bem as características essenciais do arcadismo, é preciso vê-las em sua íntima vinculação com o conjunto de ideias e valores representado pelo iluminismo do século XVIII (“o século das Luzes”) e, também, relacioná-las com o estilo rococó e com a poética do período anterior, o barroco. Com o iluminismo, a razão surge como base para uma nova compreensão do mundo e torna-se igualmente o emblema de uma classe em ascensão, a burguesia. A razão é faculdade natural, base da ciência e das leis que governam o mundo físico, instrumento crítico. Nesse arco, convivem a nova física de Newton (gravitação, a natureza regulada por leis exatas), o enciclopedismo, o livre exame das ideias. A razão é uma e múltipla, integra em seu domínio universal e numa ordem comum a natureza, o intelecto e a sociedade. O casamento da razão com a natureza irá influenciar de maneira decisiva o arcadismo. A razão, o racionalismo, mostra-se, na visão do iluminismo, capaz de ordenar sob seu crivo a sociedade e as instituições, de imprimir mudanças, de melhorá-las. Esse valor irá repercutir em Vila Rica, na Inconfidência Mineira, no espírito de Gonzaga e, no fim das contas, irá misturar-se concretamente a seu destino.

No entanto, seria uma simplificação e um erro acreditar que o arcadismo deriva em linha reta do iluminismo; este

constitui um de seus componentes, mesclado a outros influxos, vindos da arte. Num aspecto decisivo, o arcadismo afirma-se como uma resposta artística à saturação das concepções e da linguagem do barroco. Neste, predominavam a elaboração engenhosa de imagens entrelaçadas a conceitos, as antíteses, a assimetria, o dinamismo de contrastes (claro-escuro), uma sintaxe complexa, cheia de inversões. A todo esse repertório, o arcadismo vai opor a harmonia de expressão, a clareza de imagens, a organização racional do poema, uma sintaxe direta, regida pela lógica. Para os árcades, o barroco representava excesso, desordem, capricho antinatural, obscuridade, mau gosto. Em contraposição a tais características, criaram um lema: *inutilia truncat*, ou seja, “elimina o inútil”. Ainda assim, seria falso traçar uma linha divisória rígida entre os dois, pois o arcadismo também recolhe, depois de filtrar com química severa, alguns recursos de linguagem do barroco. Na poesia do arcadismo brasileiro, a obra de Cláudio Manuel da Costa revela uma nítida tensão entre as duas linguagens, já que o poeta incorpora, exercendo seleção e controle, certos procedimentos barrocos na composição de seus poemas.

É no estilo rococó que o contorno barroco aparece mais, e é na poesia que o rococó representa o ponto de passagem do barroco para o arcadismo. O rococó — de *rocaille*, “concha” — reduz o barroco a uma questão de detalhes, retirando-lhe o caráter grandioso e dinâmico para dominá-lo e transformá-lo em ornamento delicado; além do mais — este aspecto é essencial —, submete todos os detalhes a um plano de conjunto regido pela simetria clássica. É sempre definido como um realismo decorativo, com seus detalhes graciosamente naturais ou orgânicos, sua leveza elegante. Seu emblema é o arabesco, derivado das pinturas de Watteau. Em suas melhores realizações, pode ser visto como “uma geometria animada por ritmos orgânicos”; em sua expressão mais frágil, mera sofisticação ornamental.

Na primeira parte das líras de Gonzaga, encontram-se muitos poemas de expressão rococó; isto é, com uma